

**A ORALIDADE EM *PONCIÁ VICÊNCIO* (2003)
uma pulsão da memória afrodescendente**

**THE ORALITY IN *PONCIÁ VICÊNCIO* (2003)
a pulsion of afro descent memory**

Manoela Fernanda Silva de Matos (PG-UEL/CNPq)¹

Resumo: O presente artigo visa apresentar a importância da oralidade no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. No romance a oralidade se faz presente pela voz de Ponciá a personagem principal, que busca incansavelmente se reencontrar com sua família, com sua identidade perdida e assim, ver cumprida a promessa de Vô Vicêncio. Mas, para que a promessa se cumpra será necessário que Ponciá em uma tomada de consciência renegue toda e qualquer escrita que não lhe agregue sentidos e valores inerentes à sua identidade, para tanto Ponciá terá que entender que a escrita só adquire sentido, quando representar as vivências de quem a escreve, deste modo, a oralidade se fará diante das memórias recolhidas da *griot* Nêngua Kainda que impulsionará Ponciá a se reencontrar com a história dos seus, mas principalmente se reencontrar com sua memória afrodescendente na qual reafirmará sua identidade, e assim poderá ver cumprida a promessa de Vô Vicêncio.

Palavras-chave: Oralidade; Memória; Afrodescendência; Romance.

Abstract: This article aims to present the importance of orality in the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo. In the novel the orality is portrayed by the voice of Ponciá the main character, who tirelessly seeks to find her family again, with her lost identity and inasmuch, see fulfilled the promise of her grandfather “Vô Vicêncio”. However, in order to fulfill this promise it will be necessary that Ponciá, in a consciousness decision denies any written form that doesn’t aggregate feelings and values inherent to her identity, to this Ponciá must understand that written only reaches sense when represents the experiences of whom writes it. Therefore, the orality will be constructed through the memories collected by the *griot* Nêngua Kainda who will encourage Ponciá to have an encounter with her descendent histories, but mostly to have a reunion with her afro descent memory which will reaffirm her identity, and by this way the promise of Vô Vicêncio will be realized.

Keywords: Orality; Memory; Afro descent; Novel.

Introdução

Discutir as marcas da oralidade dentro do romance não é uma tarefa fácil, pois a oralidade no romance *Ponciá Vicêncio* (2003) se manifesta na voz das personagens, neste caso, de Ponciá Vicêncio a personagem principal, que traçará um árduo percurso até se

¹ Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Graduanda em Pedagogia (UEL), Mestranda em Letras- Estudos Literários (UEL), Tutora do curso de Pedagogia Oferta Especial pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Editora da Revista Estação Literária (UEL), Aluna- colaboradora do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos (NEAA) pela UEL. *Email:* manoelafernanda_manu@hotmail.com

reencontrar com sua família e com sua identidade, ambos perdidos na sua ida para a cidade. Desta maneira, a personagem demarca a poesia oral dentro do romance, sendo assim, o romance adquire um *status* de poesia em prosa assim como o romance *Iracema* (1865) de José de Alencar que é considerado pelos estudiosos um romance em prosa poética, pela sua musicalidade, ritmo e pela literariedade contida nas palavras que se somarão na composição do romance.

Durante o romance a personagem Ponciá deixa explícita sua passagem pela escrita e, por conseguinte, a recusa sobre a mesma. Pois, a escrita não lhe agregou nem um valor e nem para o que tanto a personagem almejava que era que a promessa de seu Vô Vicêncio se cumprisse em sua vida. Portanto, era preciso entender a verdade sobre a escrita e o que ela representava para Ponciá, deste modo, o segredo só se revelará quando Ponciá rompe com a escrita e busca em suas memórias orais a história de sua família e passa a se autoconhecer e se afirmar como Ponciá Vicêncio, reorganizando assim sua família e principalmente suas memórias.

A memória no romance se dá pela via da oralidade representada por meio de gestos, da voz, e da performance, mas principalmente pelo enfrentamento e recusa da personagem frente à escrita. Na cultura afrodescendente é pela via da memória que se propaga a história de um povo, ou seja, a memória recolhe em si todos os acontecimentos na qual se forma e se constrói a “memória coletiva a que pertencemos”. (POLLAK, 1989, p.03)

A história do povo negro é passada pela voz de um *griot* (chefe do grupo negro) ou um sujeito mais velho com maior sabedoria que contam as histórias que são passadas dos antepassados para os descendentes de maneira oral, pela contação de história na qual todo afrodescendente possa se identificar e construir sua própria identidade.

A memória se expressa sob a forma de relatos, por grupos marginalizados que vêm nela uma forma de ter sua história, seus feitos contados e reconhecidos por todos, principalmente no que tange à formação cultural e histórica do Brasil.

Unindo os relatos dos ex-exilados e as lembranças dos velhos operários existe a mesma preocupação pelos grupos que são marginalizados pela história oficial. Se não me engano, é pela via da marginalização que se propaga e frutifica a fórmula do relato autobiográfico, ou memorialista. [...] só que o fenômeno da marginalização é compreendido como uma espécie de exílio interno: trata-se de determinados grupos sociais que eram e são

desprovidos de voz dentro da sociedade brasileira, cuja voz era e é abafada. (SANTIAGO, 2002, p. 40)

Oralidade *versus* escrita

A oralidade está presente no romance pela voz da personagem principal Ponciá Vicêncio. Esta voz representa uma coletividade que agrega valores milenares para a construção de uma identidade coletiva que canta seus heróis negros esquecidos no processo da colonização e no embranquecimento da história do Brasil.

Esses grupos marginalizados pelo racismo mascarado da sociedade encontram na literatura uma forma de sobreviver e descrever toda a limpeza étnica que os dominantes queriam fazer. Apesar dos grupos negros terem seus registros com base na memória, a escrita foi fundamental para denunciar as agruras sofridas pelos negros, a qual tira os dominadores da sua zona de conforto, assim como afirma Conceição Evaristo “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”².

Portanto, é pela via da escrita que os afrodescendentes cantam suas glórias, seus heróis e principalmente a África que é o berço da civilização, base da construção da cultura brasileira. Mas, sem deixar de lado suas origens e sua história que estão baseadas na oralidade. Deste modo, a escrita é usada como forma de resistência para discutir as relações étnico-sociais que envolvem negros e brancos na sociedade.

A coletividade está expressa no romance pelo percurso histórico de Ponciá. Parece que a voz da personagem se iguala com o enunciatório, ou seja, a autora Conceição Evaristo empresta sua voz e sua escrevivência para a personagem Ponciá Vicêncio na qual ambas se fundem, é como se Ponciá fosse Conceição e Conceição fosse Ponciá, pois se tem como base a biografia de Conceição e a trajetória da personagem, para exemplificar essa relação:

só então se assustou com a coragem que tivera. Resolvera tudo tão rápido. Havia arrumado suas poucas coisas de sopetão e, num repente, comunicou logo a mãe a decisão de partir. Tinha de ser breve, muito breve. Não podia ficar ensaiando despedidas. O trem partiria no outro dia cedo. Se perdesse aquele, só daí a alguns tantos dias, quase um mês. (EVARISTO, 2003, p. 38)

²Citação retirada do Blog “Nossa escrevivência” de Conceição Evaristo, disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 13/10/11 às 10h45.

No romance ocorre uma ruptura da ficção, pois esta acaba por se tornar realidade, na qual muitos podem se reconhecer como sujeitos dessa história. Ao se falar que Conceição emprestou sua voz para a personagem, pensa-se no critério da coletividade expressa pela voz narrativa do romance. Portanto, se tem um elemento discutido por Mikhail Bakhtin (2005), o *skaz* que é capaz de marcar o tom pessoal na performance oral do narrador, sendo assim,

O elemento do *skaz*, ou seja, da orientação para o discurso falado, é obrigatoriamente próprio de toda narração. Mesmo sendo o narrador representado como escrevendo a sua história e dando-lhe um certo acabamento literário, seja como for não é um profissional das letras, não possui um estilo definido mas tão-somente uma determinada maneira social e individual de narrar, que tende para o *skaz* verbal. Se, contudo, ele possui certo estilo literário, que é reproduzido pelo autor a partir da pessoa do narrador, então estamos diante da estilização e não da narração (a estilização pode ser introduzida e motivada de diversos modos). (BAKHTIN 2005, apud NERES 2009, p. 08)

O *skaz* é a representação da voz coletiva de determinados grupos sociais que por vezes ou outras são marginalizados na sociedade. É pelo narrador que a voz coletiva se apresenta e faz com que o leitor se identifique com o texto lido.

Parece-nos que, na maioria dos casos, o *skaz* é introduzido precisamente em função da voz do outro, voz socialmente determinada, portadora de uma série de pontos de vista e apreciações, precisamente as necessárias ao autor. Introduz-se, em suma, o narrador; o narrador propriamente dito não é um letrado, na maioria dos casos é um personagem pertencente a camadas sociais mais baixas, ao povo (precisamente o que importa ao autor) e traz consigo o discurso falado. (BAKHTIN 2005, apud NERES 2009, p. 06-07)

A presença da voz no romance é fundamental para a construção da linguagem da personagem, no entanto, essa linguagem se perde pela forte presença da voz, que se constrói sob o percurso da personagem na busca pela promessa de Vô Vicêncio, portanto, “[...] aspectos sociais, ao modo de existência coletiva da voz, que, de fato, desempenha um papel fundamental na valorização de sua ação. [...] a voz, em certos casos, se impõe a tal ponto que tende a dissolver a linguagem.” (ZUMTHOR, 2005, p. 65)

O romance *Ponciá Vicêncio* traça uma discussão sobre a escrita pelo viés da personagem Ponciá, para ela a escrita é fundamental na sua migração da vida rural para vida urbana. Na cidade, saber ler e escrever é extremamente importante no que tange a ascensão social ou até mesmo uma supremacia urbana.

O ato de ler e escrever em alguns momentos da história pode ser considerado uma forma de dominação, pois aquele que detinha o saber, ou seja, dominava as letras, poderia quase que facilmente dominar os grupos que eram ágrafos. Por exemplo, como ocorrera com os índios com a chegada dos portugueses ao Brasil, assim como em África que apesar de “modernizada” tem seu alicerce fundamentado na oralidade e com a chegada brusca dos colonizadores, a escrita foi imposta aos nativos em um movimento de dominação bem como o rompimento desse povo com suas raízes.

O ato de ler e escrever para Ponciá era algo fundamental para sua entrada na cidade e na sua busca por uma vida melhor, deste modo, Ponciá se distancia teoricamente do destino de sua família que estava fadada à pobreza e à vida rural.

Estava à procura de trabalho. A dona olhou para ela de cima a baixo. Disse não estar precisando, mas uma prima talvez estivesse. Escreveu em um pedacinho de papel o endereço e depois leu bem alto para Ponciá Vicêncio, pedindo para que ela fosse lá, ainda naquela manhã. Ponciá, antes de buscar a maneira de chegar ao endereço, leu e releu o que estava escrito no papelzinho:

Rua Prata de Lei, nº 39, casa 7.

Bairro das Alegrias.

Dobrou em seguida o escrito e guardou nos seios. Estava feliz, sabia ler. (EVARISTO, 2003, p. 43)

Ao mesmo tempo em que Ponciá tem uma afeição pela escrita, a oralidade se faz muito presente em sua vida, pois é por ela que Ponciá conseguirá decifrar a mensagem que foi deixada por Vô Vicêncio. A figura da *griot* Nêngua Kainda se faz fundamental no que tange às discussões sobre oralidade, pois é pela via da oralidade que Ponciá descobre sua verdadeira vocação, sendo assim, Nêngua Kainda é a responsável por contar os feitos dos negros nas terras dos brancos e amenizar as perdas que Ponciá sofrerá no desenrolar das ações no romance.

Ponciá inicia sua confrontação entre escrita *versus* oralidade, questionando o porquê de saber ler e escrever se isso nada adiantaria para alcançar sua glória maior que era o de reencontrar sua família, de nada valer a essa sabedoria, se seu bem maior não fosse encontrado.

Os questionamentos interioranos de Ponciá fazem com que ela recuse à escrita e em um ato inesperado Ponciá queima todas as revistas que guardara durante muito tempo, pois para a personagem a escrita deveria ser algo útil, servir para alguma coisa, portanto, era preciso que a escrita fizesse parte de sua vida, que a escrita fosse o texto de sua vida

e não meramente escritos que não lhe acrescentaria em nada e somente contribuía para sua ausência no mundo, deste modo,

Sob condições de oralidade, as pessoas identificam os problemas e resolvem-nos trabalhando em conjunto. A cultura escrita provoca uma ruptura no todo, permitindo e promovendo a iniciativa individual e isolada na identificação e solução deles. Também produz um tipo diferente de conjunto, que perpassa todos os grupos sociais e estabelece novos grupos de interesse, manipuladores dos que não possuem a cultura escrita, para a ampliação dos interesses desses novos grupos. (PATTANAYAK, 1995, p. 120)

A queima das revistas também coopera na busca de Ponciá por sua identidade, pois a mesma não se reconhece diante das letras. Deste modo, para Ponciá tudo aquilo que outrora fazia sentido, neste momento não lhe agrega nada, somente reforça o vazio e a ausência de seus entes perdido em sua ida para a cidade.

Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência. Antes gostava de ler. Guardava várias revistas e jornais velhos. Lia e relia tudo. [...] Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo. De que valia ler? De que valia ter aprendido a ler? No tempo em que vivia na roça, pensava que, quando viesse para a cidade, a leitura lhe abriria meio mundo ou até o mundo inteiro. Agora nada lhe interessava mais nas notícias. (EVARISTO, 2003, p. 91)

Ponciá poderia ter apenas se desfeito das revistas e jornais, entretanto, preferiu queimá-los. Essa atitude está intimamente ligada a simbologia do fogo que é da purificação, de (re)nascimento, de ressurreição, segundo Chevalier e Gheerbrant em *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (1998), a purificação no ato de queimar se dá pela compreensão, sendo assim, Ponciá compreende que a escrita não faz parte de sua cultura e nem de seu modo de vida, logo, esta atitude faz ressurgir uma nova Ponciá que irá buscar a história de seu povo, e consequentemente a sua própria história.

A memória de Ponciá resguarda todas as sensações e emoções de Vô Vicêncio e esta manifestação se dá através do homem-barro que Ponciá fez para salvaguardar a memória de seu avô. A simbologia do barro presente no romance é fundamental para que a promessa de Vô Vicêncio se cumprisse na vida de Ponciá.

Para as religiões de matriz africana o barro seria uma extensão do corpo, ao fazer um homem-barro igual Vô Vicêncio, mesmo sem imaginar Ponciá fez uma transfusão entre o homem de barro e o homem Vicêncio, deste modo o homem-barro expressa as mesmas emoções de Vô Vicêncio, por isso inúmeras vezes Ponciá conseguia ouvir o homem-barro rindo e chorado como fazia seu avô, em uma ligação extrema entre o barro e o corpo do sujeito copiado.

A função da escrita também é narrada pela voz de Luandi, irmão de Ponciá que acredita na escrita como uma forma de ascensão social, na qual ele poderia se “igualar” ao Soldado Nestor que é negro, soldado e sabe ler e escrever. Luandi ainda não reconhecera qual verdade viera perseguir na cidade, se era a busca por sua irmã Ponciá ou seu crescimento pessoal. Para esta personagem a escrita trilha o caminho da dominação, da ascensão social, assim,

Luandi admirava o Soldado Nestor. Aquele era, para Luandi, maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que o delegado, maior que Deus. Soldado Nestor era negro. Negro e soldado. O homem andava bonito, marchando, mesmo estando sem farda. Sabia ler. Assinava o nome de uma maneira rápida e bonita. [...] “Para que eu vim pra cidade?”, se perguntou novamente. Achar minha irmã, juntar dinheiro e ficar rico. É, ele havia de ficar rico. Diziam que na cidade as pessoas trabalhavam muito, mas ficam ricas. (EVARISTO, 2003, p. 68-69)

Portanto, se vê uma dualidade entre Ponciá e Luandi, para aquela a escrita não serve de nada, tendo em vista que ela já reconheceu sua verdadeira promessa, para este a escrita é significativa, pois a promessa ainda não havia se cumprindo, desta forma, Luandi ainda busca sua identidade perdida. Portanto, as palavras de Nêngua Kainda confundem-no e gera certa estranheza, pois o destino de Luandi é o de reencontrar sua irmã e mãe e ver a promessa de Vô Vicêncio cumprida e não a de ficar rico, assim como desejava a personagem.

Quando a promessa de Vô Vicêncio se cumpre, Ponciá e Luandi passam a estar em conjunção com objeto/valor que é o de reencontrar a família. Logo, Luandi passa a entender que a escrita não serve para nada, a não ser quando o texto a ser escrito é da sua própria vida, a escrita precisa fazer sentido ter um porquê e pra quê.

Foi preciso que a herança de Vô Vicêncio se realizasse, se cumprisse na irmã para que ele entendesse tudo. Só agora atinava também com o riso e as palavras de Nêngua Kainda. Ele, que levava tanto tempo desejando a condição de ser soldado, em poucos minutos escolhia desfazer-se dela. Soldado Nestor, o

irmão, não ia concordar com ele. Como explicar para o amigo o que ele acabava de descobrir? Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. (EVARISTO, 2003, p.127)

Deste modo, salta-se a ideia de escrevivência, ou seja, a escrita não como forma de dominação, mas como uma escrita da vida. Sendo assim, Ponciá,

Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. *Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus*³. E que era preciso continuar a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. (EVARISTO, 2003, p. 127)

A escrita deve ser usada para contar a história daqueles que foram marginalizados em nossa sociedade. O surgimento da literatura afro-brasileira é fundamental para contar as histórias dos heróis negros que estiveram esquecidos durante séculos. É preciso que a escrita seja usada para denunciar as injustiças, o racismo que ainda está presente na sociedade. O negro passa a ser sujeito de uma literatura, uma escrita que relata sua própria vida, sua história e de seus antepassados, enfim, donos dos seus destinos e de sua história.

Contudo, a escrita sem a presença da oralidade não faz sentido algum, principalmente, na literatura afro-brasileira, pois, esta tem como princípio básico a poética oral dos antepassados africanos. É importante ressaltar que a oralidade dentro da escrita se faz presente, mesmo que de maneira sucinta, já que tudo gira em torno da voz, da oralidade, para que assim a história e cultura de um povo não se percam nos processos sincrônicos, pois:

A poesia oral, presente nas culturas tradicionais africanas, foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos com a luta de libertação das colônias. Serviu como palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta. No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos descendentes de africanos, uma poética que rememora a Mãe África, denuncia a condição de vida dos afro-brasileiros, e, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade. A identidade negra vai ser afirmada em cantos de louvor e orgulho étnico. O corpo negro surge alforriado

³Grifo nosso.

pela palavra poética. É como se a escrita negra, ao relembrar o passado, procurasse imprimir outras lembranças às cicatrizes de chicotes ou às marcas iniciais dos donos-colonos do corpo escravo.

A palavra literária surge como elevação, assunção do corpo negro. O texto negro atualiza signos e lembranças que inscrevem o corpo negro em uma cultura específica. É preciso ressaltar, porém, que não é somente a cor da pele do escritor que vai situar a sua escrita como literatura negra, mas a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um (a) negro (a) escritor (a). (DIONÍSIO, 2008, p. 02-03)

Conclusão

A memória afrodescendente provém da oralidade africana, a história do berço da humanidade se propaga na voz de Ponciá Vicêncio, por descobrir o que mais lhe importava na vida, sua família. E pôde entender a verdade sobre a escrita que ela precisa ter significado, contar uma história que represente uma coletividade, a memória de um povo que foi esquecido durante séculos que teve sua história e cultura invisibilizados por um processo de colonização doentio, que afetou e dominou várias outras civilizações tirando todos os seus conhecimentos adquiridos por milênios e impondo a sua cultura e seu modo de vida.

A oralidade é intrínseca ao texto escrito, é um jogo de figuras, de elementos, de signos, que agregam significados orais no texto escrito, no qual é totalmente perceptivo no romance Ponciá Vicêncio. A história da família Vicêncio, foi contada pelo avô, pelo pai, até chegar a Ponciá Vicêncio que desvendará o mistério que circunda a família Vicêncio. Os ensinamentos, a história da família Vicêncio e os mistérios em torno de Nêngua Kainda e Vô Vicêncio são transmitidos pelo texto oral, no qual a presença da voz, da entonação, são elementos carregados de significados, estes deixam as marcas da oralidade dentro do romance de Conceição Evaristo, tornado o romance um texto performatizado, sobre isto Zumthor (2007) afirma que:

Neste sentido não se pode duvidar de que estejamos hoje no limiar de uma nova era da oralidade, sem dúvida muito diferente do que foi a oralidade tradicional; no seio de uma cultura na qual a voz, em sua qualidade de emanção do corpo, é um motor essencial da energia coletiva.

[...] Na situação de oralidade pura, tal como pode observá-la um etnólogo entre populações ditas primitivas, a “formação” se opera pela voz, que carrega a palavras; a primeira “transmissão” é obra de um personagem utilizando em palavra sua voz viva, que é,

necessariamente, ligada a um gesto. A “recepção” vai se fazer pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, co-presença, esta gerando prazer. Esse ato único é a performance. Quanto à “conservação”, em situação de oralidade pura, ela é entregue à memória, mas a memória implica, na “reiteração”, incessantes variações re-criadoras: é o que, nos trabalhos anteriores, chamei de *movência*. (ZUMTHOR, 2007, p. 62-65)

O romance perpetua a história afrodescendente perdida e é contada pelo viés de Nêngua Kainda, *griot* das terras dos brancos onde Ponciá Vicêncio e sua família viviam. A sabedoria da Nêngua Kainda reafirmou a história de Ponciá e conseguiu fazer com se cumprisse à promessa de Vô Vicêncio. As perdas de Ponciá em seu percurso no romance são significativas demais para a personagem, como a perda do avô, a morte do pai, a perda dos filhos, deste modo, a personagem se ausenta simbolicamente do mundo para que de alguma forma essa ausência diminua seu sofrimento.

Outro fator que aumenta o vazio de Ponciá são as brigas constantes com seu marido, que não entende o porquê de Ponciá sempre estar alienada ao mundo é como se a personagem buscasse por algo que não existisse, não se reconhecesse como sujeito devido às condições precárias em que vivia com o marido e todas as ausências em sua vida, sendo assim,

A busca do seu nome é uma constante. Olha-se no espelho, nada vê. Poderia ter outro nome, poderia não ser uma “Vicêncio”. Os momentos de silêncio se ampliam. O reencontro com os mortos, a sua ancestralidade, vai, aos poucos, aparecendo na figura mítica do Angorô. (DIONISIO, 2010, p. 67)

Depois de muitas ausências, Ponciá inicia uma busca por sua identidade que estará ligada diretamente com sua ancestralidade, deste modo, a personagem está cada vez mais próxima da herança deixada por seu avô, e ao ter sua família reunida novamente Ponciá vê cumprida a promessa de Vô Vicêncio.

Portanto, a promessa de Vô Vicêncio só se cumpriu mediante a ruptura de Ponciá e Luandi com a escrita, pois as personagens rompem com aquilo que não lhes trouxe resultado positivo. Se por um lado saber ler e escrever abriria as portas para Ponciá e Luandi na cidade, por outro os afastaria da sua história e de sua família, já que tudo estava baseado na oralidade expressa na voz e na performance de Vô Vicêncio e Nêngua Kainda, ao tomar consciência da verdade de sua herança Ponciá se autor reconhece como sujeito

de sua história e de sua vida, sendo assim, Ponciá vê manifestar em si a ancestralidade de seu povo.

O seu mergulho nas histórias contadas por Nêngua Kainda, arauto de sua comunidade afrodescendente, a amarração que essas narrativas memoriais terão com a sua percepção de mundo e o dialogismo entre essas reflexões, nos servirão de suporte para apontar caminhos para a compreensão de sua busca em encontrar o seu destino e a sua ancestralidade. (DIONISIO, 2010, p. 68)

A oralidade dentro do texto escrito pode ser considerada uma forma de resistência do sujeito negro. Enquanto escritor, este dá a suas personagens características afrodescendentes e a todo o momento rememora a África, a ancestralidade africana presente em cada sujeito afro-brasileiro, afirmando assim a identidade desse grupo que por vezes beirou a marginalidade dentro da sociedade e que viu na escrita uma forma de lutar sobre as condições dos negros. Portanto, a escrita afrodescendente de certa maneira desafia o dominador, pois mostra para a sociedade a importância da cultura e da história africana para a formação cultural e étnica do Brasil, pois, a memória afrodescendente é fator predominante para a construção da identidade dos afrodescendentes.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DIONÍSIO, Dejair. **Diáspora, Ensino e Perdas em Ponciá Vicêncio.** Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos-anais/DejairDionisio.pdf>. Acesso: 29/07/2011.

DIONISIO, Dejair. **Literatura afro em construção: a perspectiva da ancestralidade bantu em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo,** 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Nossa escrevivência.** Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 13/10/11 às 10h45

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

NERES, Jorge Paulo de Oliveira. **O skaz enquanto instrumento de trapaça:** uma leitura de Delibes e de Assis Brasil. Disponível em: http://www.revistaicarayh.uff.br/revista/html/numeros/3/dliteratura/o_skaz_enquanto_in

strumento_de_trapaca_uma_leitura_de_delibes_e_de_assis_brasil.pdf. Acesso: 29/07/2011.

PATTANAYAK, Debi Prasanna. A cultura escrita: um instrumento de opressão. In: OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e Oralidade**. Tradução Valter Lellis Siqueira. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997. p. 117-120.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**: ensaio. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. Tradução de Sônia Queiroz; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Ateliê, 2005

_____. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

[Recebido: 19 fev. 13 - Aceito: 18 abr. 13]